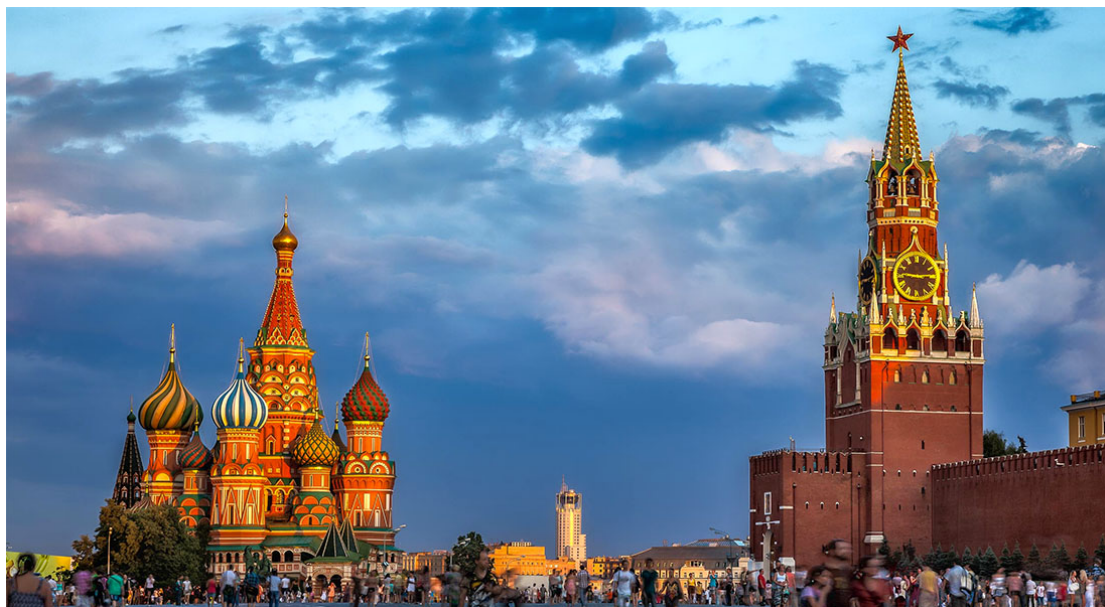


ISOLAR A RÚSSIA É UM TIRO QUE SAIRÁ PELA CULATRA: DESINVESTIR DA ENERGIA RUSSA NÃO É UMA OPÇÃO

Por Romyana Hulmequist*



O Kremlin e a Catedral de São Basílio na Praça Vermelha, Moscou, Rússia (Travel Photography Guru).

Como bem dito por Sun Tzu no clássico “A Arte da Guerra”, “não há nenhum exemplo de um país que tenha se beneficiado de uma guerra prolongada”.

Em *A Arte da Guerra* de Sun Tzu, o Ocidente pode encontrar uma resposta simples para uma pergunta não tão difícil – o que fazemos com a Rússia em resposta ao conflito na Ucrânia? – na citação, “Se você conhece o inimigo e conhece a si mesmo, não precisa temer o resultado de cem batalhas. Se você conhece a si mesmo, mas não conhece o inimigo, para cada vitória conquistada, você também sofrerá uma derrota. Se você não conhece o inimigo nem a si mesmo, sucumbirá em todas as batalhas.”

Por mais clichê que pareça, é melhor para o Ocidente manter a Rússia por perto do que isolá-la; conheça o inimigo. E o Ocidente também fica melhor quando modela os valores que protege de forma tão agressiva; conheça a si mesmo. Em vez disso, a atitude geral em relação à Rússia enquadrou a questão de um ponto de vista indignado e hipócrita que desencadeou uma agenda preto e branco na qual a melhor solução para a agressão da Rússia até agora foi exilá-la dos assuntos e economias globais.

Isso é reducionista e ingênuo. Também falha na humildade, sendo o princípio operacional que o Ocidente pode julgar apesar de seu próprio histórico de violações de soberania. O ponto aqui não é olho-por-olho ou que a falta de

inocência impede o direito de denunciar a injustiça quando ela está acontecendo. A questão é: quando foi que evitar o problema fez com que ele desaparecesse? A questão é que o orgulho vem antes da queda.

O ROMPIMENTO ATÉ AGORA

Sejamos realistas; o risco de excluir a Rússia por meio de métodos tradicionais, como boicotar seu petróleo, uma fonte crítica de energia para o mercado europeu, não supera os benefícios práticos de manter um inimigo por perto. O Ocidente pode pagar por isso? Faz sentido mesmo?

A resposta é não, não realmente. Como resultado de ter cortado o fornecimento de petróleo russo em mais de 80% em 2022, o aquecimento, os processos industriais e as capacidades de energia da Europa também foram reduzidos, por assim dizer. Sem mencionar o sofrimento que isso cria para a pessoa comum que paga a conta, o tempo e a energia gastos para desenvolver políticas para conter o impacto de tais cortes drásticos e o potencial para uma recessão econômica como o estresse de um inverno iminente pode ser a palha que quebra as costas do camelo. Isso parece um caso de jogar fora o bebê junto com a água do banho.

Petróleo limitado, gás natural e a inflação subsequente representam uma crise de segurança nacional na Europa, particularmente na região da Eurásia. O inverno aumentará o efeito da inflação, uma barreira potencial no sistema de votação baseado em unanimidade dos Estados-membros da União Europeia. Certamente, há uma solução melhor do que a destruição mutuamente assegurada?

O FUTURO DO ROMPIMENTO

Sejamos francos; o Ocidente precisa de um futuro com a Rússia nele. Em vez de fingir que há uma escolha de excluir a Rússia e seguir a velha linha de que a Rússia deve sofrer por suas agressões, o Ocidente precisa confrontar o significado disso.

Se a agenda atual que persegue incansavelmente uma Rússia isolada continuar, o que acabará acontecendo é um Ocidente alienado que tem influência e visão limitadas sobre os acontecimentos de uma Rússia economicamente separada e autossuficiente. Se o Ocidente continuar com sua atual abordagem de política externa para a Rússia, isso irá catalisar uma redução na dependência russa dos mercados de energia e instituições financeiras ocidentais, encorajar a liderança russa e a primazia sobre o mercado de energia nuclear e fornecer opções alternativas para o cenário global dominado pelo Ocidente para os Estados que buscam se desvencilhar do espectro da hegemonia ocidental.

O presidente russo, Vladimir Putin, está buscando um mundo multipolar e, se pressionado o suficiente, desenvolverá com sucesso um sistema financeiro russo independente – o Sistema de Mensagens Financeiras do Banco da Rússia ou SPFS – em uma contraparte viável da Sociedade Ocidental para Telecomunicações Financeiras Interbancárias Mundiais, também conhecida como SWIFT. Conforme demonstrado pelo marketing recente de um rublo digital e cartão de crédito russo, o SPFS está a caminho de se tornar competitivo.

Romper com a Rússia é uma escolha, e de extrema importância para que a Rússia não alcance uma primazia na indústria de energia nuclear. No entanto, se as sanções continuarem como estão e os EUA e a Europa diminuam ou acabarem com a compra das exportações nucleares russas – parte da estratégia de isolamento do Ocidente em relação à Rússia –, a visão de Putin de um mundo multipolar se tornará realidade.

Não queremos um mundo em que a Rússia lidere um sistema econômico paralelo em competição com o Ocidente e livre das atuais restrições impostas pelo monopólio da SWIFT sobre os bancos. Este seria o futuro por romper com a Rússia. A energia nuclear tem muito a dizer sobre o assunto.

POR QUE A INDÚSTRIA DE ENERGIA NUCLEAR É TÃO IMPORTANTE?

Embora a Europa tenha limitado os preços do petróleo russo, o impacto que isso causa no papel da Rússia como grande exportador de energia do mundo pode ser discutível quando suas exportações de materiais de energia nuclear, energia, serviços e assistência técnica continuam desimpedidas. Você pode dizer, bem, vamos sancionar isso também.

Não é tão fácil, há uma razão para as sanções ainda não atingirem a Rosatom, empresa estatal de energia nuclear da Rússia que atualmente compreende 17% do mercado global de combustível nuclear. No mercado interno, a Rosatom opera 11 usinas nucleares (NPPS) para um total de 37 reatores. Em todo o mundo, 42 reatores são construídos com tecnologia russa e a Rosatom está construindo 35 novos reatores, as localizações desses reatores abrangendo países como China, Turquia, Índia, Paquistão, Ucrânia, Egito, Finlândia e Hungria, fazendo da Rosatom uma fornecedora líder de uma gama de recursos relacionados à energia nuclear e líder na produção de reatores. O conflito na Ucrânia destaca as implicações do alto perfil da Rosatom na indústria de energia nuclear: todos os 15 reatores da Ucrânia são do projeto russo VVER, incluindo os de Zaporizhia, a maior central nuclear da Europa e que é controlada pela Rússia desde março de 2022.

Quando combinados, os EUA e a Europa dependem da Rússia para 34% de seu urânio e 48% de seus serviços de enriquecimento. Em agosto de 2022, a Rússia ganhou cerca de US\$ 200 bilhões anualmente com as exportações de petróleo e gás natural, mas com as sanções isso não reflete o poder aquisitivo total. Suas exportações da indústria nuclear chegam a bilhões, pelo menos, um artigo da Fundação Heinrich Böll de abril de 2021 sugerindo que os projetos da Rússia no exterior valem aproximadamente US\$ 130 bilhões. E isso são apenas projetos no exterior em andamento.

Embora ainda não seja o caso, não está além do reino das possibilidades que o poder econômico da produção de energia nuclear da Rússia possa cobrir as perdas das sanções de petróleo e gás natural. Os EUA e a Europa estão empenhados em encontrar uma solução alternativa para a dependência nuclear da Rússia, mas com a presença nuclear estabelecida da Rússia em ambas as economias, juntamente com outras potências como a China, o custo de separá-la será caro para os EUA e Europa. Do ponto de vista da Rússia – já que possui um portfólio tão diversificado

de reatores – a ausência de negócios nos EUA e na Europa seria importante a longo prazo? No entanto, antes mesmo de chegarmos ao equilíbrio da equação econômica, o papel do personagem principal da Rosatom na energia nuclear é uma praticidade inevitável.

O custo do desembaraço econômico seria alto, mas ainda maior seria o custo de livrar a Rosatom de seu entrincheiramento em instituições internacionais críticas e estratégias de mudança climática. A Rosatom trabalha com parceiros de negócios em 50 países diferentes, é membro da Rede do Pacto Global das Nações Unidas (ONU) e é responsável por 210 milhões de toneladas a menos de emissões de gases do efeito estufa a cada ano.

Os principais parceiros no campo das relações internacionais incluem a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), o órgão regulador nuclear da ONU, e a Agência de Energia Nuclear (NEA) da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Esse tipo de *pedigree* e integração no mercado global de energia e trajetória essencialmente isolam a Rosatom como líder não dispensável na indústria nuclear agora e no futuro a longo prazo. Quando se trata de energia nuclear, os EUA e a Europa fariam melhor se aceitassem do que se recusassem; melhor conhecer teu inimigo do que sofrer uma derrota.

CONHEÇA A SI MESMO

Admitir a interconexão e a dependência da energia da Rússia não é admitir fraqueza. Mas ignorar as implicações de uma abordagem de política externa exclusivamente excludente para a Rússia é. Nenhuma das observações acima é para dizer que devemos ser amigos da Rússia ou simpatizar com suas agressões. É simplesmente oferecer uma janela para outro mundo, no qual a retribuição não cega a praticidade. O que significa que a UE está em seu nono pacote consecutivo de sanções, que exige votos unânimes de apoio dos 27 Estados membros da UE? O que a campanha obsessiva de isolamento do Ocidente contra a Rússia realmente conseguiu? Ou talvez como melhor dito em *A Arte da Guerra* de Sun Tzu, “não há nenhum exemplo de um país que tenha se beneficiado de uma guerra prolongada”.

Publicado no [TGP](#).

**Rumyana Hulmequist é mestrande em Direitos Humanos na Humphrey School of Public Affairs da Universidade de Minnesota.*
